MAHU

MIRAÇÕES

Textos da exposição em fonte ampliada PORTUGUÊS



MIRAÇÕES

O MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin), fundado em 2013, é um coletivo de artistas baseados entre o município de Jordão e a aldeia Chico Curumim, na Terra Indígena Kaxinawá (Huni Kuin) do rio Jordão, estado do Acre. Atualmente, o MAHKU é um dos principais agentes no cenário da arte contemporânea brasileira em geral e, em particular, indígena. Seu início remonta ao final da década de 2000, quando algumas lideranças do povo Huni Kuin, especialmente Ibã e três de seus filhos, Acelino, Bane e Maná, começaram a realizar oficinas para registrar em desenhos os cantos, os mitos e as práticas huni kuin. Muitas das obras do MAHKU são traduções visuais dos cantos





huni meka, conhecimento tradicional que acompanha os rituais de nixi pae com a bebida da ayahuasca – uma espécie de chá com potencial alucinógeno preparado com plantas amazônicas e utilizado há séculos por diversos povos na América do Sul.

As experiências visuais provocadas pela bebida – denominadas *mirações*, título desta exposição – são a matéria-prima principal para os trabalhos dos integrantes do MAKHU. As pinturas e os desenhos também figuram narrativas míticas e histórias ancestrais sobre o surgimento do mundo e a divisão entre as espécies – elementos fundamentais para a vida do povo Huni Kuin, a produção de sua humanidade e sua relação com os outros animais, vegetais e seus espíritos.





A mostra MAHKU: Mirações marca os dez anos do surgimento oficial do grupo. A exposição também celebra a longa relação do coletivo com o MASP, constatado pela grande quantidade de obras comissionadas aos artistas desde 2017 por ocasião de diferentes exposições e projetos no Museu. Esta é a maior exposição já realizada com o coletivo, reunindo 108 trabalhos – dos quais 58 pertencem ao MASP –, entre pinturas, desenhos e esculturas. Incluem-se ainda três novas telas produzidas especialmente para a mostra, bem como uma pintura realizada nas icônicas escadas do Museu.

Nesta mais de uma década de produção, o MAHKU segue criando pontes entre os mundos indígenas e os não indígenas, entre o visível e o invisível. Ao se associar ao





universo das exposições, o coletivo constrói caminhos sustentados para fortalecer seus modos de existência, fazendo circular jacarés, jiboias e a "bebida do cipó", difundindo assim seus mitos, suas histórias e sua arte.

MAHKU: Mirações é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, Guilherme Giufrida, curador assistente, MASP, e Ibã Huni Kuin, curador convidado.

Fazem parte do MAHKU os artistas Acelino Huni Kuin, Ayani Huni Kuin, Bane Huni Kuin, Batani Huni Kuin, Cleudo Huni Kuin, Nawa Ibã Neto Huni Kuin, Ibã Huni Kuin, Kássia Borges Karajá, Isaka Huni Kuin, Leone Huni Kuin, Maná Huni Kuin, Rare Huni Kuin, Rita Huni Kuin, Tene Huni Kuin e Yaka Huni Kuin.





A mostra do MAHKU integra o ano da programação do MASP dedicado ao ciclo Histórias indígenas, que inclui exposições de Carmézia Emiliano, Paul Gauguin (1848-1903), Sheroanawe Hakihiiwe, Comodato MASP Landmann de cerâmicas e metais pré-colombianos e Melissa Cody, além da grande exposição coletiva *Histórias indígenas*.





Maná Huni Kuin

Aldeia Três Fazendas, Acre, Brasil, 1996, vive e trabalha na Aldeia Novo Segredo, Acre, Brasil

MAHKU

Terra Indígena Kaxinawá do rio Jordão, Acre, Brasil, 2013

Txãi pûke ruakê [Quati], 2022
Acrílica sobre Iona
Obra comissionada no contexto da exposição MAHKU: Mirações, 2023





Bane Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 1983, vive e trabalha entre a Aldeia Chico Curumim e Jordão, Acre, Brasil

MAHKU

Yame awa kawanei

[Anta passando à noite], 2022 Acrílica sobre Iona Obra comissionada no contexto da exposição *MAHKU: Mirações*, 2023





Bane Huni Kuin

Yame awa kawanei

[Anta passando à noite], 2022

Acrílica sobre lona

Coleção Andrea e José Olympio, São

Paulo, Brasil





ARTISTAS DESEINHISTAS

No início de 2009, o antropólogo e educador paulista Amilton Mattos iniciava o primeiro curso de licenciatura indígena na Universidade Federal do Acre (UFAC) quando conheceu em uma viagem pela região de Tarauacá, Bane Huni Kuin. Amilton se surpreendeu com a maneira como Bane utilizava seus desenhos em apresentações nas assembleias políticas e nas salas de aula da região. Decidiu então visitar a aldeia onde vivia, a Chico Curumim, reencontrando-se com Ibã Huni Kuin, pai de Bane, com quem já havia tido contato em 2001, em cerimônias de ayahuasca na capital do estado, Rio Branco. No ano seguinte, Ibã se tornou orientando de Amilton no curso da UFAC, desenvolvendo





um método de pesquisa e trabalho a partir dos cantos que conduzem o ritual com ayahuasca. A partir de oficinas e encontros, Ibã e seus filhos – especialmente Acelino, Bane e Maná – fundadores do MAHKU, criaram estratégias de registro de saberes e práticas orais na forma de imagens figurativas (dami). O principal objetivo ao transpor os cantos para outra mídia é memorizá-los e apreendê-los. Essas primeiras oficinas culminaram no projeto Desenhando os Huni Meka e no 1º Encontro de Artistas-Desenhistas Huni Kuin, ocorridos entre 2010 e 2011, germens do MAHKU.

MAHKU IYIIRAÇÕES



1 2 3 4	5 6 7 8

Ibã Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 1964, vive e trabalha entre a Aldeia Chico Curumim e Jordão, Acre, Brasil

Isaka Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 1964, vive e trabalha entre a Aldeia Chico Curumim e Jordão, Acre, Brasil



1. Nai panu

[Sapo sanfoneiro], 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

2. Hawe dautibuya

[Canto de miração], 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

3. Ni hewã puskeni

[Quebrando o galho], 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

4. Yube Inu, 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil



5. Hawe matsi kawane

[Passando frio], 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

6. Hawe rautibuya

[Miração], 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

7. Hawã kenaxabu

[Vários títulos], 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

8. Yube nawa ainbu

[Povo da mulher jiboia], 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil





1 2

3

4

Ibã Huni Kuin Isaka Huni Kuin

1. Txãi pûke ruakê

[Quati], 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

2. Nai mapu yubukã

[Céu pássaro jiboia], 2014

Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil



Ibã Huni Kuin Maná Huni Kuin MAHKU

3. *Sem título*, 2017

Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e tinta de caneta esferográfica sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação dos artistas no contexto do projeto MASP Renner, 2019-21





Ibã Huni Kuin

Acelino Huni Kuin

Aldeia Bom Jesus, Acre, Brasil, 1975, vive e trabalha no Jordão, Acre, Brasil

MAHKU

4. Sem título, 2017

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação dos artistas no contexto do projeto MASP Renner, 2019-21







Ibã Huni Kuin Maná Huni Kuin MAHKU

1. Sem título, circa 2017-19



Lápis de cor, giz de cera e tinta de caneta hidrográfica sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação dos artistas no contexto do projeto MASP Renner, 2019-21



Ibã Huni Kuin



Yube Bäūrauti [Jiboia da miração e da luz]

Hawe dautibuya ikirā damibiranai ukia [Dizendo que para cantar essa música de miração vendo várias luzes, várias transformações]

Jiboia grande da luz

Esse objeto junto festejando a cantoria

Jiboia arma colorida

Todo mundo na força festejando a cantoria

Dança transformando mirações

Jiboia arma lança colorido

Na sua mão festejando a cantoria

Jiboia dança lança colorido

Peito várias luzes festejando

Essas mirações





Brilhante usando na venta vários sons, várias luzes, vários perfumes

O céu ouvir ouvido

Ouvindo no ouvido várias luzes festejando

Minha frente olhando céu

Pássaro pelo

Azul, azul na sua frente

A sua frente céu

Pelo de papagaio

Amarelado na sua frente



Ibã Huni Kuin

Tene Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 1995, vive e trabalha no Jordão, Acre, Brasil

MAHKU

2. Sem título, 2017

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação dos artistas no contexto do projeto MASP Renner, 2019-21





Ibã Huni Kuin Bane Huni Kuin MAHKU

3. Sem título, 2017

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação dos artistas no contexto do projeto MASP Renner, 2019-21





Ibã Huni Kuin

Acelino Huni Kuin

Aldeia Bom Jesus, Acre, Brasil, 1975, vive e trabalha no Jordão, Acre, Brasil

MAHKU

4. Sem título, 2017

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação dos artistas no contexto do projeto MASP Renner, 2019-21





O MOVIMENTO DO JACARÉ-PONTE

O mito narra a história da passagem pelos continentes americano e asiático através do estreito de Bering. Depois de muita caminhada, os humanos se depararam com um jacaré que, em troca de alimento, ofereceu ajuda para atravessar para o outro lado. Avesso ao canibalismo, ele pediu apenas para que o povo não matasse nenhum filhote e que não lhe desse um deles para comer. No entanto, os animais foram se tornando cada vez mais escassos e, por fim, os humanos acabaram tendo que caçar jacaré pequeno, traindo a confiança do grande, que submergiu. Foi aí que se fundaram as línguas entre parentes de





diferentes lugares do mundo. Segundo os Huni Kuin, o jacaré é o animal mais antigo e o mais poderoso; é por isso que sua música é cantada em muitas das reuniões na aldeia, para abrir os caminhos. Representado em muitas pinturas do MAHKU, o jacaré-ponte (kapewë pukeni) serviu de base para o primeiro logotipo do grupo, que ressalta seu caráter de produtores e produtos de pontes entre diferentes mundos, seja entre o visível de sua arte e o invisível das mirações, seja entre as práticas da aldeia e os parâmetros e convenções do mundo da arte.





Acelino Huni Kuin

Nahene wakame

[A cura vem das águas], 2022

Acrílica sobre tela

Coleção Andrea e José Olympio, São

Paulo, Brasil

Nahene wakame

[A cura vem das águas], 2021

Acrílica sobre tela

Coleção Marchetti e Petrarca, São Paulo,

Brasil





Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin Kássia Borges Karajá

Goiânia, Brasil, 1962, vive e trabalha em Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Kapewë pukeni

[Jacaré-ponte], 2021

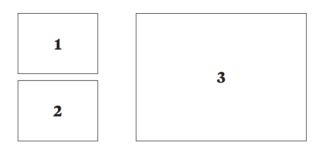
Acrílica sobre tela

Coleção Carmo Johnson Projects, São

Paulo, Brasil







Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin MAHKU

1. Mito da parte do jacaré, 2020

Tinta de caneta esferográfica, lápis de cor e acrílica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21



Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin MAHKU

2. Mito da parte do jacaré, 2020

Tinta de caneta esferográfica, lápis de cor e acrílica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21





Acelino Huni Kuin MAHKU

3. Kapewë pukeni [Jacaré-ponte], 2022
Acrílica sobre lona
Obra comissionada no contexto da
exposição MAHKU: Mirações, 2023





O IYIITO DO SURGIIYIENTO DA AYAHUASCA

Yube Inu, um homem indígena, andava pela floresta quando viu surgir de um grande lago Yube Shanu, a mulher-jiboia, por quem se apaixonou. Yube Inu e Yube Shanu se enamoraram e foram viver junto ao povo da jiboia, que aceitou Yube Inu e lhe ensinou a receita de sua bebida sagrada. Por meio dela é possível ver simultaneamente os três tempos – passado, presente e futuro. O pai de Yube Shanu se arrepende de ter ensinado a receita da bebida a Yube Inu, que foi então mordido pela jiboia. Na volta a seu povo, enquanto seu corpo adoecia e apodrecia, ele foi ensinando a receita a seus próximos, a composição das ervas e folhas com o cipó,





orientando o preparo do chá. As plantas que compõem o tempero da bebida foram criadas a partir das partes do corpo de Yube Inu, entre elas a árvore que futuramente iria brotar da própria terra onde foi sepultado. Este mito organiza toda a produção visual do MAHKU, pois, por meio da origem da bebida, explica-se a origem das mirações, experiências visuais que são a fonte das imagens produzidas pelos artistas do grupo; isto é, trata-se do próprio mito da pintura entre os Huni Kuin.





1

2

Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin

1. Hawe rautibuya [Miração], 2021

Acrílica sobre tela

Coleção Carmo Johnson Projects, São

Paulo, Brasil

2. Hawe rautibuya [Miração], 2021

Acrílica sobre tela Coleção Carmo Bruno Novelli, São Paulo, Brasil



1

2

Acelino Huni Kuin

1. Nai mapu yubekã

[Céu pássaro jiboia], 2022

Acrílica sobre tela

Coleção Carmo Projects, São Paulo,

Brasil

Isaka Huni Kuin

2. *Miração*, 2019

Acrílica sobre tela

Coleção José Luís Pereira de Sousa, São

Paulo, Brasil



Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin

Yube Inu, Yube Shanu

[Mito do surgimento da bebida sagrada nixi pae], 2021

Acrílica sobre tela

Coleção Eli Sudbrack e Nô Mello, São Paulo, Brasil

Acelino Huni Kuin Maya Inu Huni Kuinf

Aldeia Três Fazendas, Acre, Brasil, 1989, vive e trabalha no Jordão, Acre, Brasil

Transformação das ervas, 2020

Acrílica sobre tela

Coleção José Luís Pereira de Sousa, São Paulo, Brasil





Ibã Huni Kuin Bane Huni Kuin Kássia Borges Karajá Ayani Huni Kuin Aldeia

Três Fazendas, Acre, Brasil, 1984, vive e trabalha na Aldeia Chico Curumim

Nawa Ibã Neto Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 2004, vive e trabalha na Aldeia Chico Curumim

MAHKU

Yube Inu, Yube Shanu

[Mito do surgimento da bebida sagrada nixi pae], 2020

Acrílica sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação, Regina Pinho de Almeida, 2021





Maná Huni Kuin MAHKU

Mito do surgimento de nixi pae, 2017

Acrílica sobre tela

Coleção José Luís Pereira de Sousa, São

Paulo, Brasil





A ORIGEIYI DAS CORES

Os Huni Kuin narram no mito de nawá xiku nawá que as cores surgiram a partir das superfícies de seres da natureza, especialmente dos pássaros, dos quais os Huni Kuin receberam o conhecimento sobre a tonalização. Tal universo cromático influencia seu vestuário, sua tecelagem e sua pintura. A construção formal presente nos desenhos, nas telas e nos murais do coletivo é consequência dessa centralidade das cores, com a forte presença de tons vibrantes e intensos. Energeticamente saturadas e muitas vezes contrastantes entre si, nos trabalhos do MAHKU a cor remete ao universo psicodélico presenciado durante os rituais com a bebida da ayahuasca. Com frequência, as obras são

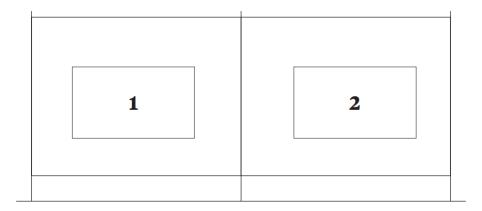




lidas como partituras visuais dos cantos ou narrativas míticas, com muitas ações ocorrendo simultaneamente, com a sucessão de todos os episódios se distribuindo pela mesma obra. Muitas vezes, as imagens são densamente carregadas de elementos, em composições dotadas de ritmo, que aludem aos rituais e cerimônias aos quais elas estão conectadas. Nota-se também o uso de recursos como a simetrização nas composições, que remete aos espelhamentos da realidade experenciados nas mirações. A produção artística do coletivo é, assim, extremamente sinestésica: ouvem-se os vermelhos, sentem-se as formas da jiboia e enxergam-se os cantos.







Acelino Huni Kuin

1. Yawa xiku nawa, 2022

Acrílica sobre Iona Coleção Carmo Johnson Projects, São Paulo, Brasil

Ibã Huni Kuin

2. Yube nawa ainbu

[Povo da mulher-jiboia], 2021
Acrílica sobre tela
Coleção Carmo Johnson Projects, São
Paulo, Brasil





OS RITUAIS DE MILLI PAE

No ritual de *nixi pae* ["cipó forte", "embriagante" ou "fio encantado"] toma-se contato com a experiência de encontro com a jiboia narrada no mito de surgimento da ayahuasca. Trata-se de um ritual central na vida dos Huni Kuin, que envolve toda a comunidade. O chá é preparado com alguns dias de antecedência, quando se escolhem as folhas, os galhos e as raízes, que são então infusionados com água e fervidos na lenha ao ar livre. Na noite do ritual, as famílias se reunem munidas de velas, lanternas e instrumentos musicais. Após o primeiro "gole" – ou dose – da bebida amarga que lembra um chá mate forte, os geradores da aldeia são desligados e todos permanecem em silêncio,

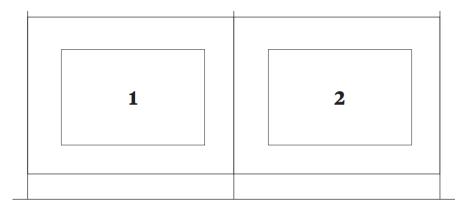




o que torna possível escutar toda a profusão de sons da mata que os circunda. Depois da segunda dose, as fortes experiências visuais - as mirações - começam a aparecer. O ritual tem como objetivo principal conectar mundos, rememorar todos da relação dos Huni Kuin com a jiboia, renovar a intimidade do encontro e relembrar as razões do desencontro narradas no mito. Ou seja, trata-se de reforçar e delinear o fio, formular tanto a conexão como a configuração entre os diferentes seres e seus espíritos.







Maná Huni Kuin

MAHKU

Yame awa kawanei [Anta passando à noite], 2022

Acrílica sobre tela

Coleção Marchetti e Petrarca, São Paulo, Brasil

2. Hawe rautibuya [Miração], 2021

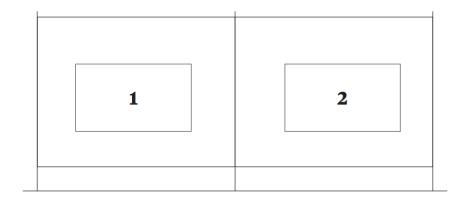
Acrílica sobre tela

Coleção Carmo Johnson Projects, São

Paulo, Brasil







Bane Huni Kuin

1. Yame awa kawanei

[Anta passando à noite], 2021

Acrílica sobre tela

Coleção Marchetti e Petrarca, São Paulo,

Brasil





Bane Huni Kuin MAHKU

2. Yutâ isinipatu

[Música de cura de miração], 2022

Acrílica sobre tela

Coleção Marchetti e Petrarca, São Paulo,

Brasil





OS CANTOS HUNI MEKA

Os cantos constituem o principal acervo do conhecimento tradicional huni kuin, a partir do qual se originaram as primeiras experiências dos artistas com o desenho. A pesquisa de Ibã Huni Kuin, iniciada nos anos 1990, a partir de seu pai, foi compilada em uma publicação lançada em 2006 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Os cantos são uma estratégia huni kuin de controlar, por meio dos sons e das palavras, os efeitos sobre o corpo dos caminhos e das visões produzidos pela bebida durante os rituais com a ayahuasca. O sentido principal da cantoria é conduzir a coletividade para a "força", dominando a intensidade das mirações. Ao mesmo tempo, os cantos

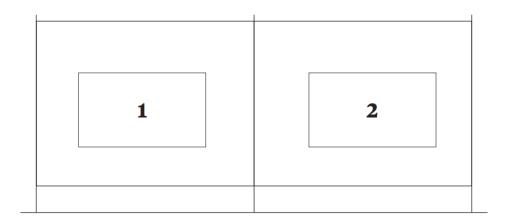




podem reavivar os vegetais da lavoura, estimulando sua reprodução e sua fertilidade. Muitos dos desenhos do MAHKU são registros das cenas descritas nestes cantos, repletos de alusões a sons de animais e passagens inscritas nos mitos huni kuin. Outro objetivo fundamental das cantorias – praticadas diariamente pelos moradores da aldeia – é treinar e aludir à experiência vivida durante os rituais com ayahuasca, mesmo que sem a ingestão da substância. As pinturas parecem ter o mesmo sentido de traduzir, guiar, ensinar e ensaiar os mitos, os cantos e a própria experiência da miração.







Maná Huni Kuin

1. Hawe rautibuya [Miração], 2021

Acrílica sobre tela Coleção Marchetti e Petrarca, São Paulo, Brasil

2. Hawe rautibuya [Miração], 2022

Acrílica sobre tela

Coleção Andrea e José Olympio, São

Paulo, Brasil





Maná Huni Kuin

Shuna pawa mebiki

[Árvore grande], 2021

Acrílica sobre tela

Coleção Carmo Johnson Projects, São

Paulo, Brasil

Ibã Huni Kuin

Kássia Borges Karajá

Rashuaka

[Soprando], 2022

Acrílica sobre tela

Coleção Andrea e José Olympio, São

Paulo, Brasil





OS GRAFISIYIOS KEIVIE

As produções imagéticas huni kuin se dividem entre kene, grafismo, em geral sobre a pele ou simultâneo à produção de uma superfície; dami, figurativo, como máscaras em cuias, bonecos de madeira ou argila, e desenhos em papel ou pinturas sobre tela; yuxin, imagem no espelho, foto ou filmagem, mesmo nome usado para espíritos; e ramibiranai, experiências visuais, mirações. A jiboia é considerada pelos Huni Kuin o maior dos xamãs, mensageira e ser da transformação, que viaja do mundo da água para o da terra trocando de pele. Por isso, foi por meio dela que se originaram muitos dos kene ["arte de escrever"]. Trata-se de grafismos estilizados inspirados muitas vezes na pele de animais,

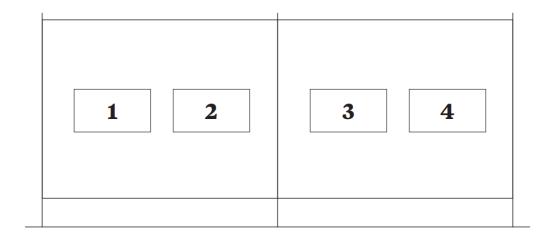




que também são caminhos, linguagens e formas de comunicação com eles. Os kene são símbolos gráficos utilizados sobretudo em pinturas corporais, cestarias, cerâmicas, tecidos, na arquitetura das casas e aparecem em diversas obras produzidas pelo MAHKU, seja em suas bordas, preenchendo partes da pintura, ou ao centro, sozinhos em destaque, como um ideograma labiríntico. Os kene podem ser notados por suas formas geométricas, as quais a partir de um olhar externo podem parecer abstratas, mas que na verdade aludem a padrões encontrados na própria natureza.







Rita Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 1994, vive e trabalha no Jordão, Acre, Brasil

1. Nawa Kene, 2023

Acrílica sobre Iona Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

2. Mutu mebi [Mão de espírito], 2023
Acrílica sobre Iona
Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil





Cleudo Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 1989, vive e trabalha no Jordão, Acre, Brasil

3. Kape rina [Rabo de jacaré], 2023Acrílica sobre lonaColeção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

Ibã Huni Kuin MAHKU

4. Sem título, circa 2017





L'ENDE ARTE, COLVIPRA TERRA

"Vender tela para comprar terra" é um dos motes fundamentais do coletivo MAHKU. O enunciado remete à prática de reverter grande parte da renda obtida pelos artistas com a venda de sua produção visual na promoção de melhorias na infraestrutura das aldeias. Desde 2014, alguns lotes de terra foram também adquiridos com a venda das primeiras obras. Além disso, foram construídas novas habitações e estruturas sanitárias na aldeia, assim como foram comprados equipamentos de plantio e colheita para o roçado, barcos com motor para facilitar o transporte. Com os recursos oriundos da venda do trabalho artístico do

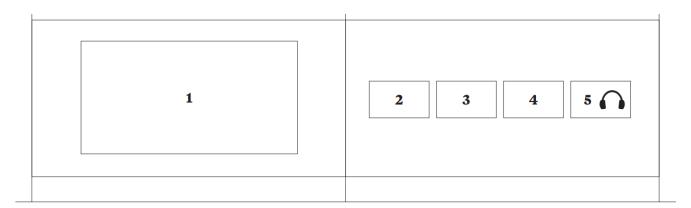




MAHKU também foram construídas e equipadas as escolas da comunidade. A prática aponta para o forte senso comunitário e coletivo deste e de outros povos indígenas, bem como para a dimensão política de sua arte, de sustentação de seus modos de existência, mobilizadores de uma economia de base indígena inserida no mercado com objetivos centrados no bem viver. A introdução de novos instrumentos e de um rendimento monetário proveniente do sistema das artes produz menos assimilação ou aculturação, mas atua no sentido de resgatar e retomar práticas, de modo a difundir, fortalecer e transformar as tradições huni kuin.







Maná Huni Kuin MAHKU

1. Yube nawa ainbu

[Povo da mulher jiboia], 2017

Acrílica sobre Iona

Coleção José Luís Pereira de Sousa, São

Paulo, Brasil



Ibã Huni Kuin

Yaka Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 1990, vive e trabalha no Jordão, Acre, Brasil

MAHKU

2. Sem título, 2017





Ibã Huni Kuin Bane Huni Kuin MAHKU

3. Sem título, 2017





Ibã Huni Kuin

Batani Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 1964, vive e trabalha entre a Aldeia Chico Curumim e Jordão, Acre, Brasil

MAHKU

4. Sem título, circa 2017





Ibã Huni Kuin Isaka Huni Kuin

5. Yube nawa ainbu



[Povo da mulher jiboia], 2014 Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

Ibã Huni Kuin



Yube nawa ainbu

[Povo da mulher-jiboia]

Pae txanima [Chamar a força]

Povo da mulher-jiboia
Em cima do toco [de árvore] branco
Miração chegando firme
Voz de mulher chamando





Ficar firme o pensamento

Vozes gritando "hu" para você

Essa "força" [da bebida] que está chegando

Barulho do vento nas folhas das palmeiras

Aí vem a miração

Muito barulho se aproximando

Mulher do povo-jiboia

Vozes chamando você

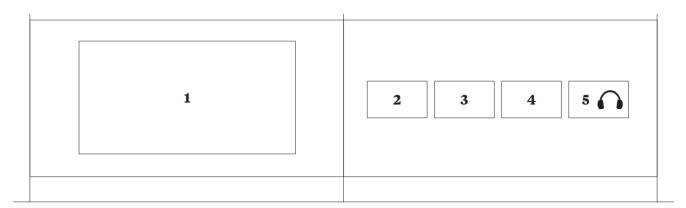
Chamando a "força" da bebida

Você que tá controlando

Fica firme o pensamento

Eu escuto primeiro





Acelino Huni Kuin

1. Yube nawa ainbu

[Povo da mulher jiboia]

Acrílica sobre tela

Coleçlão Marchetti e Petrarca



Ibã Huni Kuin Maná Huni Kuin MAHKU

2. Sem título, 2017





Ibã Huni Kuin Isaka Huni Kuin

3. Nai basa masheri

[Céu macaco urucum], 2014

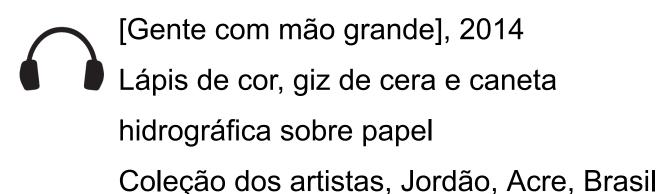
Lápis de cor sobre papel

Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

4. Yube nawa ainbu

[Povo da mulher jiboia], 2014 Lápis de cor sobre papel Coleção dos artistas, Jordão, Acre, Brasil

5. Dua meke newane







Ibã Huni Kuin



Dua meke newane

[Gente com mão grande]

Hawe dautibuya
[Chegando a miração]

Pessoa-espírito de mão grande
Batendo cipó por longo tempo
Preparando o corpo para tomar
Cipó seco
Raio de luz chegando por baixo
Cipó fino e seco
Vem caindo a miração por cima
Cipó muito trançado
Cipó trançado crescendo, saindo de dentro
Várias mirações surgindo
Jiboia fantasiada, colorida





Jiboia subindo, passando pela canela

Pintando a canela

Você no caminho de dentro

Passando no meio dos caminhos da força

Sol na árvore [gameleira] e frutas

Muito barulho passando

Periquito chegou e comeu todas as sementes da gameleira

Sol no paxiubão [árvore]

Vários barulhos passando

Caititu chegou e comeu tudo

"Tau, tau" [barulho do bater do queixo da queixada ao comer o fruto]

Silêncio, ouvindo

Dois tocos de madeira ligados

Escuta o primeiro barulho

Língua do jabuti parada

(quieto que nem o jabuti)





Escuta o primeiro barulho

Bagaço do cipó vindo embaixo

Várias luzes na sua frente

Eu estou vendo

Azul de fumaça chegando, rondando

Luz azul passando em frente à cara

Cipó fino e seco

Cipó, lenha que dá fogo

Pássaro japiim colorido passando no céu

Pássaro chegando no céu

Pássaro passando no céu

Semente de palmeira no sol

Muito barulho passando

Eu quebrando arbusto pequeno dentro do caminho fechado na mata

Eu seguindo – força me levando

Dentro, subindo

Miração passando





Saiu do corpo, vai embora Eu saindo da força, da miração





HISTÓRIAS DA DANIÇA

Em 2019, os artistas do MAHKU foram comissionados pelo MASP a realizar obras inéditas para o projeto Histórias da dança (2020). Os trabalhos realizados retratam diferentes momentos das festas dos legumes, desde o preparo até a invocação dançada dos diferentes espíritos vegetais na hora de plantar ou colher. A profusão de adornos e pinturas corporais dos participantes já indica a solenidade e a importância dessa cerimônia. Sua dimensão coletiva é evocada pela disposição circular dos indivíduos e pela coordenação de seus gestos em reverência a essas diferentes entidades representadas pelos legumes, que geralmente são posicionados no centro dos desenhos. Os

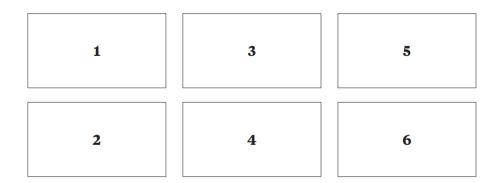




grafismos geométricos que paramentam os corpos parecem espelhar o zigue-zague formado pelas figuras em posturas corporais que alternam braços e pernas dobrados, atribuindo um ritmo dinâmico a essas imagens aparentemente estáticas, além de constituírem uma reminiscência visual da cadência e da pulsação dos cantos que as originaram. Para os Huni Kuin, a "dança", assim como a "arte", não representa uma esfera separada da vida cotidiana. Toda a comunidade está engajada em reproduzir sua vida, suas práticas e seus mitos, fazendo ascender os seres e os espíritos que a fazem se movimentar, animando a natureza, favorecendo a lavoura e o próprio reflorescimento de seu povo.







Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin MAHKU

1. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica e guache sobre papel, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21



2. Dança de Katxa nawa, 2020

Tinta de caneta esferográfica, lápis de cor e grafite sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21

3. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21





4. Sem título, 2020

Tinta de caneta esferográfica, lápis de cor e grafite sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020

5. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica e guache sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21



6. Katxa nawa, 2020

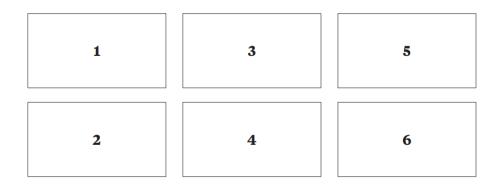
Tinta de caneta hidrográfica, tinta de caneta esferográfica e lápis de cor sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21





LEGENDAS DE OBRAS



Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin MAHKU

1. Batismo das pinturas de dentes, 2020 Tinta de caneta esferográfica, lápis de cor e acrílica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21





2. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica e guache sobre papel, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21

3. Nama kutã dança boa sonhar, 2020 Tinta de caneta hidrográfica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição Histórias da dança, 2020-21



4. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e guache sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21

5. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica e guache sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21



Ibã Huni Kuin MAHKU

6. Pintura para evitar sonho mau, 2020

Tinta de caneta hidrográfica, tinta de caneta esferográfica e lápis de cor sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21





Cleudo Huni Kuin

Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil, 1964, vive e trabalha entre a Aldeia Chico Curumim e Jordão, Acre, Brasil

Yame awa kawanei

[Anta passando à noite], 2022

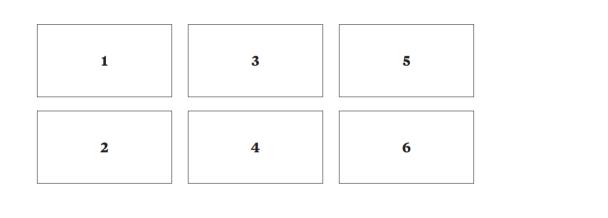
Acrílica sobre tela

Coleção particular, São Paulo, Brasil





LEGENDAS DE OBRAS



Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin MAHKU

1. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica e lápis de cor sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21



2. Sem título, 2020

Grafite e guache sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, obra comissionada no
contexto da exposição *Histórias da*dança, 2020-21



Ibã Huni Kuin

Leone Huni Kuin

Aldeia Novo Segredo, Acre, Brasil, 1978, vive e trabalha na Aldeia Chico Curumim, Acre, Brasil

Bane Huni Kuin MAHKU

3. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21





Ibã Huni Kuin Bane Huni Kuin MAHKU

4. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica e giz de cera sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020





Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin MAHKU

5. Sem título, 2020

Grafite e guache sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, obra comissionada no
contexto da exposição *Histórias da*dança, 2020-21

6. Sem título, 2020

Tinta de caneta hidrográfica e lápis sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21





ALYEIVIDA PAULISTA

Os desenhos e as pinturas comissionados pelo MASP para a exposição Avenida Paulista (2017) mostram uma avenida bastante colorida, vista de cima, com destaque para o museu, sempre fora de centro, os prédios deitados e a mata no parque Trianon. Não por acaso, a imagem abrange o trajeto percorrido pelos artistas do MAHKU quando passaram pela cidade de São Paulo, no ano anterior, para a realização de uma oficina no contexto da exposição Histórias da infância, também no MASP. Ibã, Bane e Maná, autores dos desenhos, ficaram hospedados na rua Augusta e diariamente percorriam esse trajeto para chegar ao museu. Como ensinam esses artistas, não existe conhecimento fora da



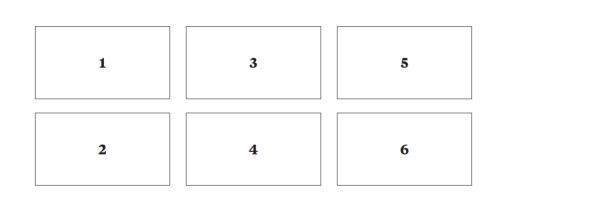


experiência corporal; assim, estas obras transformam a sua trajetória em imagens, lembrando o mecanismo dos cantos. Curiosamente, um processo semelhante se repete nos dois casos: apesar de retratarem paisagens e apresentarem repertórios fixos, suas composições imagéticas sempre se diferenciam umas das outras, mesmo que de forma sutil. Esta série de desenhos e pinturas, sui generis na produção do MAHKU, é também uma possibilidade de espelhamento do seu ponto de vista: se normalmente foram os brancos que representaram os mundos indígenas, desta vez são os Huni Kuin que observam as particularidades do mundo urbano paulistano.





LEGENDAS DE OBRAS



Ibã Huni Kuin Maná Huni Kuin MAHKU

1. Dami (Avenida Paulista 1), 2017
Tinta de caneta hidrográfica sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, obra comissionada no
contexto da exposição Avenida Paulista,
2017



2. Dami (Avenida Paulista 2), 2017 Tinta de caneta hidrográfica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição Avenida Paulista, 2017

Ibã Huni Kuin Bane Huni Kuin MAHKU

3. Dami (Avenida Paulista 5), 2016
Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e giz de cera sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição Avenida Paulista,
2017





4. Dami (Avenida Paulista 10), circa 2016-17

Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e giz de cera sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Avenida Paulista*, 2017

5. Dami (Avenida Paulista 2), 2016

Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e giz de cera sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Avenida Paulista*, 2017

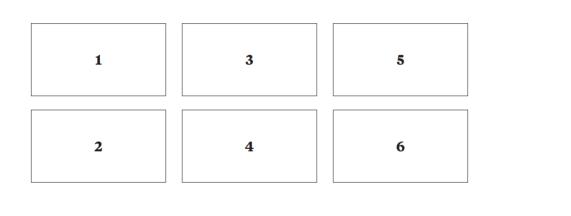


6. Dami (Avenida Paulista 9), 2017

Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e giz de cera sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Avenida Paulista*, 2017



LEGENDAS DE OBRAS



Ibã Huni Kuin Bane Huni Kuin MAHKU

Dami (Avenida Paulista 6), circa
 2016-17

e giz de cera sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, obra comissionada no
contexto da exposição *Avenida Paulista*,
2017

Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor



2. Dami (Avenida Paulista 1), 2016 Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e giz de cera sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição Avenida Paulista, 2017

3. Dami (Avenida Paulista 3), 2017
Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e giz de cera sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição Avenida Paulista,
2017





4. Dami (Avenida Paulista 4), 2016 Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e giz de cera sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição Avenida Paulista, 2017

5. Dami (Avenida Paulista 7), 2017
Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e giz de cera sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição Avenida Paulista,
2017



Dami (Avenida Paulista 8), circa 2016-17

Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e giz de cera sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Avenida Paulista*, 2017



LEGENDAS DE OBRAS

1 2

Ibã Huni Kuin Bane Huni Kuin MAHKU

Dami (Avenida Paulista), 2017

Acrílica sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, obra comissionada no

contexto da exposição *Avenida Paulista*,

2017-21



Ibã Huni Kuin Maná Huni Kuin MAHKU

2. Dami (Avenida Paulista), 2017

Acrílica sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, obra comissionada no
contexto da exposição *Avenida Paulista*,
2017-21





A JIBOIA MOLDURA

Um elemento muito presente em diversos trabalhos do MAHKU é a jiboia que circunda as composições, seja de forma a perambular pela imagem, seja literalmente em suas bordas, acompanhando os ângulos perpendiculares do quadro ou em formas geometrizadas estilizadas, derivadas dos grafismos huni kuin. O fato da serpente emoldurar grande parte dos trabalhos, seja em papel ou em tela, ressalta a forma como as imagens emergem da própria experiência visual que se instaura no ritual com a ayahuasca, guiada pela própria perspectiva da jiboia. Com isso, os artistas do MAHKU operam uma apropriação de um dos maiores ícones do processo de autonomização dos



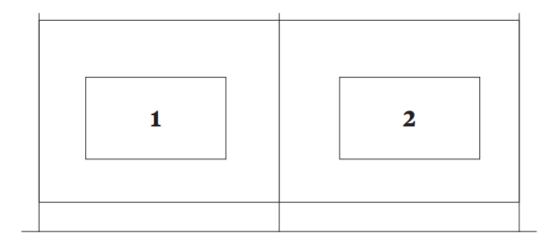


objetos de arte. Contudo, diferentemente da tradição da moldura na arte ocidental – cujo fim é marcar a propriedade, o limite da obra, sua circulação como mercadoria e/ou sua separação do mundo cotidiano -, a jiboia-moldura auxilia tanto no sentido de distinguir aquelas imagens do cotidiano externo à experiência visual, como na circulação do ponto de vista da jiboia em outros lugares e contextos. Assim, produzir imagens inscrevendo os mitos e os cantos huni kuin pode ser uma maneira de registrá-los, retê-los e circulá-los para além da aldeia e da vivência efêmera das mirações.





LEGENDAS DE OBRAS



Bane Huni Kuin

1. Hawe dautibuya

[Canto de miração], 2021

Acrílica sobre tela

Coleção Andrea e José Olympio, São

Paulo, Brasil





Acelino Huni Kuin

2. Txain pûke ruakê [Quati], 2022

Acrílica sobre tela

Coleção Andrea e José Olympio, São

Paulo, Brasil





Acelino Huni Kuin

Nai mapu yubekã

[Céu pássaro jiboia], 2022

Acrílica sobre tela

Coleção Andrea e José Olympio, São

Paulo, Brasil

Nai mawa yuxuni

[A força vem lá do céu], 2022

Acrílica sobre tela

Coleção Davi Akkerman, São Paulo,

Brasil





PESSOAS DE L'ERDADE PINTAIYI

Outro termo utilizado para designar os povos da etnia Pano é Kaxinawá ["povo morcego"]. Trata-se de um termo criado pelos brancos colonizadores de modo ofensivo, a partir de estereótipos ligados ao animal. "Huni Kuin" é a maneira como essa coletividade se autodenomina, ao mesmo tempo, trata-se também de um pronome particular, huni kuin, que significa "pessoas de verdade" ou "propriamente humanos". Entre os Huni Kuin a humanidade não é dada: ela é constituída, criada, sempre em relação a outrem, e por isso é reversível. Existe uma dinâmica relacional e posicional específica nesta classificação da alteridade, elemento central



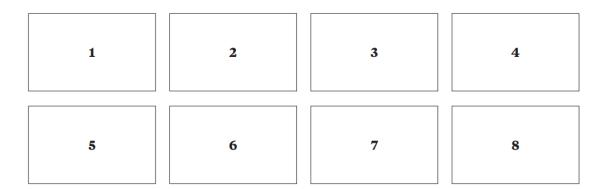


para se entender os mitos, os rituais e os cantos em sua relação com outros animais, vegetais e espíritos. Nesse sentido, a produção huni kuin – das pessoas de verdade ou verdadeiramente humanas – é também uma produção estética; é uma forma de controle dos poderes fluidos de seres não humanos, que devem ser acessados, controlados, diferenciados, circunscritos, desenhados. Desse modo, a arte huni kuin é também uma atitude relacional, que reafirma por meio da pintura a história da relação do humano com a jiboia, renova a intimidade do encontro e relembra as razões do desencontro com ela narradas no mito.





LEGENDAS DE OBRAS



Ibã Huni Kuin Acelino Huni Kuin MAHKU

Dia a dia na escola, 2020

Tinta de caneta esferográfica e lápis de cor sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2021



2. Dança do gavião, 2020

Tinta de caneta hidrográfica, tinta de caneta esferográfica e lápis de cor sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21

3. Pintura do dia a dia, 2020

Tinta de caneta esferográfica e lápis de cor sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21





4. **Sem título**, 2020

Tinta de caneta hidrográfica e guache sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020-21

5. Preparo da festa caçando a anta, 2020 Tinta de caneta esferográfica, lápis de cor e acrílica sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall

ArtSchool, 2020-21



6. Plantando a maniva, 2020

Tinta de caneta hidrográfica, tinta de caneta esferográfica e lápis de cor sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21

7. Plantação, 2020

Tinta de caneta hidrográfica, tinta de caneta esferográfica e lápis de cor sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020-21





8. Festividade, 2020

Tinta de caneta esferográfica, lápis de cor e grafite sobre papel Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, obra comissionada no contexto do projeto MASP Afterall ArtSchool, 2020

Maná Huni Kuin MAHKU

Hawe rautibuya [Miração], 2021
Acrílica sobre tela
Coleção Carmo Johnson Projects, São
Paulo, Brasil





A ESCADA-RAIYIPA É UIYIA POI\ITE

É recorrente a realização de grandes murais nos projetos do MAHKU, desde salas de aula, corredores de museus e até empenas de edifícios. Essas composições de larga escala são executadas sem planejamento prévio, compostas a partir de uma leitura realizada pelos artistas do espaço a ser ocupado. Além disso, contrariando a eternização do trabalho de arte, privilegiado pelo cânone ocidental, estas são obras de caráter efêmero, sempre destruídas ou apagadas após um período determinado. Pela primeira vez na história a icônica rampa do MASP foi integralmente pintada pelo coletivo. Esse elemento vermelho em forma de "X", projetada pela





arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992), reforça as formas puras e reconhecíveis preconizadas pelo modernismo, uma lógica de concepção espacial que permeia todo o projeto do edifício. Assim, a escada-rampa é um elemento arquitetônico que, para muito além da mera ligação do hall cívico ao mezanino por meio de uma circulação vertical em zigue-zague livre e fluida, confere contorno e marca a identidade do espaço. Esta obra do MAHKU funciona como uma passagem e um atravessamento para se entrar na exposição, exigindo que o público a transponha e experencie suas figuras e narrativas antes e depois de passar pelo restante da mostra.





Ibã Huni Kuin
Acelino Huni Kuin
Maná Huni Kuin
Bane Huni Kuin
Kássia Borges Karajá
MAHKU

A pintura da escada-rampa foi autorizada nas três instâncias dos órgãos de preservação do patrimônio histórico e cultural que tombaram o edifício do MASP: o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo/ Departamento do Patrimônio Histórico (Conpresp/DPH) e o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat). Deve-se mencionar a





efemeridade da intervenção e a consequente recuperação do revestimento da rampa em uma etapa posterior.



YUBE SHANU (A MULHER-JIBOIA), SOMOS MUITOS

De origem karajá, Kássia Borges se aproximou do MAHKU a partir de 2019. Suas esculturas cerâmicas dialogam com a produção artística do coletivo, retratando o vocabulário visual huni kuin a partir de uma abordagem tridimensional própria. Seu trabalho costuma ser marcado por uma forte ocupação do espaço expositivo. As esculturas retomam e se apoderam do chão, concebido como a materialidade de todo um território que foi saqueado dos povos indígenas. Em Yube Shanu, instalação que circunda a exposição, Borges materializa o mito da





mulher-jiboia por meio de uma série de pequenos objetos esculpidos manualmente de forma cuidadosa e que, quando reunidos aos milhares, desenham enormes conjuntos escultóricos que abordam elementos de um dos mitos fundadores huni kuin com um repertório iconográfico com contornos típicos da produção da artista. De forma análoga, a obra Somos muitos estrutura uma floresta vertical de cerâmicas pintadas que remetem às pinturas corporais de diversas culturas indígenas, reforçando e celebrando a pluralidade de povos que vivem no Brasil e no mundo. Em ambos os trabalhos, pequenas peças unitárias se unem para formar grandes coletivos que aludem ao conceito de comunidade, fortalecendo a ideia de que a





luta por direitos indígenas exige um forte senso de vínculos, laços e coletividade.





LEGENDAS DE OBRAS

Kássia Borges Karajá

Somos Muitos, 2023

Acrílica e engobe sobre cerâmica
Coleção da artista, Uberlândia, Minas
Gerais

Mulher jiboia, 2023

Acrílica e engobe sobre cerâmica Coleção da artista, Uberlândia, Minas Gerais





LEGENDAS DE OBRAS VITRINE

1 Véxoa: Nós sabemos

Curadoria: Naine Terena, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2020

2 Histoires de voir [Histórias do ver]
Curadoria Alessandro Mendini,
Fondation Cartier pour l'art
contemporain, 2012

3 Nixi Pae: O espírito da floresta
Organização editorial [Edited by]: Ibã
Huni Kuin, 2006





4 Estórias de Hoje e de Antigamente dos Índios do Acre

Organização editorial: Nietta Lindenberg Monte, 1984

5 Histórias da Dança

Organização editorial: Adriano
Pedrosa, Julia Bryan-Wilson e Olivia
Ardui, Museu de Arte de São Paulo
Assis Chateaubriand, 2020

6 Avenida Paulista

Organização editorial: Adriano Pedrosa e Tomás Toledo, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 2017





7 ¡MIRA! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas

Curadoria e organização editorial:
Maria Inês de Almeida, Centro Cultural
da Universidade Federal de Minas
Gerais.

Maria Isabel Costa Rodrigues Teixeira da Silva, **Sem título**, 2016
Grafite e lápis de cor sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, obra produzida em oficina ministrada pelos membros do MAHKU no contexto da exposição

Histórias da infância





9 Hannah Neuenschwander Volz,
Sem título, 2016
Grafite e lápis de cor sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, obra produzida em
oficina ministrada pelos membros do
MAHKU no contexto da exposição
Histórias da infância

Hannah Neuenschwander Volz,
 Katxanawa, 2016
 Grafite sobre papel
 Museu de Arte de São Paulo Assis
 Chateaubriand, obra produzida em oficina ministrada pelos membros do
 MAHKU no contexto da exposição
 Histórias da infância





11-14 Oficina de desenhos realizada com os artistas do MAHKU no contexto da exposição *Histórias da infância*

15 MAHKU: Mirações

Organização editorial: Adriano
Pedrosa, e Guilherme Giufrida, Museu
de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, 2023

LEGENDAS DOS DOCUMENTÁRIOS

Amilton Mattos

O espírito da floresta, 2012

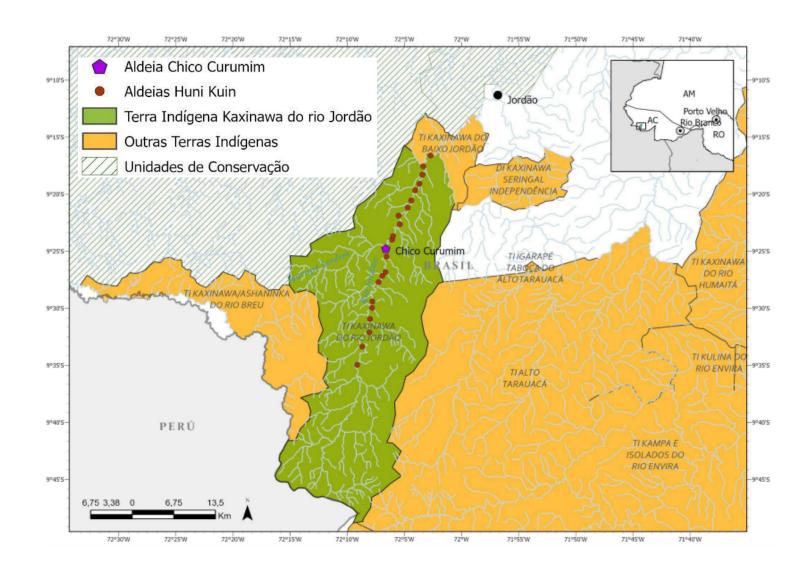
Documentário 43 minutos

O sonho de nixi pae, 2015

Documentário 46 minutos







Aldeia Chico Curumim, Terra Indígena Kaxinawá do rio Jordão

A população Huni Kuin (ou Huni Kui) abrange cerca de 14 mil pessoas, divididas em cinco regiões ou municípios, 12 terras indígenas e





104 aldeias no Brasil. Há Huni Kuins também no Peru, onde são aproximadamente 3 mil pessoas. Os membros do coletivo MAHKU vivem na Terra Indígena Kaxinawá do rio Jordão, no Acre, território de 87 mil hectares às margens do rio Jordão, homologado pelo governo brasileiro em 1991. A aldeia principal onde se organizam as atividades do MAHKU é a Chico Curumim, localizada no encontro do rio Jordão com o igarapé Jardim e habitada por 105 pessoas ou 23 famílias.



